

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HELOISE MARIA MUCHINSKI

EDUCAÇÃO FORMAL: DA NECESSIDADE À MASSIFICAÇÃO – UM ENSAIO  
CRÍTICO A PARTIR DE DEWEY, GOFFMAN E ADORNO

CURITIBA

2019

HELOISE MARIA MUCHINSKI

EDUCAÇÃO FORMAL: DA NECESSIDADE À MASSIFICAÇÃO – UM ENSAIO  
CRÍTICO A PARTIR DE DEWEY, GOFFMAN E ADORNO

Monografia apresentada como  
requisito parcial à obtenção do título  
de Especialista, Curso de  
Especialização em Filosofia da  
Educação, Setor de Educação,  
Universidade Federal do Paraná.

**ORIENTADOR: PROF. DR. UDO  
BALDUR MOOSBURGER**

CURITIBA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE EDUCACAO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO -  
40001016206E1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Trabalho de Conclusão de Especialização de **HELOISE MARIA MUCHINSKI**, intitulada: **EDUCAÇÃO FORMAL: DA NECESSIDADE À MASSIFICAÇÃO - UM ENSAIO CRÍTICO A PARTIR DE DEWEY, GOFFMAN E ADORNO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 19 de Dezembro de 2019.

UDO BALDUR MOOSBURGUER  
Presidente da Banca Examinadora

KAREN FRANKLIN DA SILVA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

DÉLCIO JUNKES  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

## RESUMO

Busca-se apresentar através da pesquisa que aqui se expõe uma relação entre a construção crítica acerca da educação formal apresentado pelo filósofo da educação John Dewey e as consequências que esta formulação de educação possui na relação do indivíduo com sua vida social. Procurando entender se o sistema educacional possui relação com o que pode vir a ser um processo de massificação social. Para melhor ambientar o espaço escolar e as consequências que um espaço isolador pode ter sobre o indivíduo, se fará uso do conceito de *Instituição Total*, exposto pelo sociólogo Erving Goffman, entrelaçando assim os conceitos de vida social comum e comunicação de Dewey aos de desculturação e mortificação do eu de Goffman. Para finalizar o percurso que se deseja e poder concluir como a educação tem influência em um processo social de massa, se utilizará do texto Educação Após Auschwitz do Filósofo Theodor W. Adorno, entrelaçando aos outros conceitos a questão do caráter manipulador e da coisificação do indivíduo em um processo de barbárie ocasionado pela falta de educação e esclarecimento das pessoas.

Palavras-chave: Educação. Educação Formal. Vida Social. Massificação. Massificação Social.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present through the research that exposes here a relation between the critical construction about the formal education presented by the philosopher of education John Dewey and the consequences that this formulation of education had in the relation of the individual with his social life. Trying to understand if the educational system is related to what may become a process of social massification. In order to better acclimate the school space and the consequences that an isolating space can have on an individual, the concept of Total Institution expounded by sociologist Erving Goffman will be used, thus interweaving Dewey's concepts of common social life and communication with those of deculturalization and mortification of the self from Goffman. To conclude the desired course and to conclude how education influences a mass social process, we will use the text *Education After Auschwitz* by Philosopher Theodor W. Adorno, intertwining with other concepts the question of manipulative character and the reification of the individual. in a process of barbarism caused by the lack of education and enlightenment of people.

**Keywords:** Education. Formal Education. Social Life. Massification. Social Massification

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2.DEWEY – DA NECESSIDADE À FORMALIZAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
2.1.EDUCAÇÃO FORMAL EM DEWEY .....	15
<b>3.INSTITUIÇÕES TOTAIS .....</b>	<b>22</b>
3.1. <i>Instituições totais</i> e instituições escolares .....	27
<b>4.MASSIFICAÇÃO E BARBÁRIE .....</b>	<b>32</b>
<b>5.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Presta-se aqui o papel de articular aspectos de cunho educacional e institucional desenvolvidos por três autores, John Dewey, Erving Goffman e Theodore W. Adorno, no intuito de entender se o processo que se destina a educação formal de crianças e jovens pode se encontrar em uma relação causal de massificação social. Isso é, a forma como a educação se apresenta nas escolas ser perscrutadora de um processo que formata a ponto de homogeneizar e não restar recursos além daqueles providos por esses ambientes para que o indivíduo consiga racionalizar seu ambiente de vivência e tomar atitudes sobre ele. Pensar o processo educacional é um percurso que nos leva a racionalizar o lugar de onde viemos e o lugar para onde vamos. A educação mostra estar no cume da nossa construção social, ela é uma sintetização do que somos e para onde vamos. É pensando a educação como um meio e não o produto final da sociedade que construímos que se faz necessário analisar o ambiente escolar atual, focando no percurso que este delineia para os indivíduos que se encontram frequentando estas instituições de ensino, quais os objetivos e produtos finais se atrelam ao educar.

A escolha dos três autores aqui apresentados, visa construir um percurso que delimite a função, o espaço, e o indivíduo que se encontra imerso no processo educacional. É de conhecimento que nem todos os conceitos se destinam ao espaço educacional, como no caso Goffman, mas se atem as ideias construídas tomando-as de espelhos para situações presentes no ambiente educacional. Cada autor escolhido serve de auxílio, quase que como, se estivesse completando uma lacuna do percurso que se pretende desenvolver. Se com Dewey (1959) delimitamos os aspectos que fazem-nos necessitar da educação, conduzindo à um percurso que expõe acerca da trajetória humana até a solidificação do educar em um processo formal, onde se encontra a educação em uma versão institucionalizada, buscando estabelecer a relação entre comunicação e transmissão. Em Goffman (2015) pretende-se uma abertura para discutirmos o que são instituições e sermos apresentados a um conceito mais denso que abarca tipos muito específicos de instituições – manicômios, prisões e conventos – e assim construir uma análise acerca dos aspectos que constituem

esses espaços e que podem ser encontrados dentro de estabelecimentos educacionais, assim como os aspectos que envolvem os indivíduos que se encontram frequentando esse tipo de instituição, explorando dessa forma o conceito de mortificação do eu e os impactos que este tem no indivíduo que frequenta ou frequentou *Instituições Totais*. Feito essa construção articulada por Dewey e Goffman acerca de educação/necessidade e educação/instituição, passamos para um terceiro ponto, onde pretende-se relacionar a trajetória da educação exposta por Dewey, se somando a perspectiva de instituição de Goffman, para analisar a fala que Adorno tem acerca do que aconteceu em Auschwitz e como este atrela a barbárie a falta de educação, usando os conceitos que o autor constrói acerca do caráter manipulador e a coisificação.

## **2. DEWEY – DA NECESSIDADE À FORMALIZAÇÃO**

Para Dewey (1959) a vida será um constante processo de transmissão, pois a finitude de como essa se apresenta impõe aos seres com vida este contínuo processo, o ponto é, que a morte não pode significar uma descontinuação no processo social, aqueles que permanecem vivos são responsáveis pela continuidade e manutenção do existir a partir das necessidades do grupo social ao qual se faz parte. É nesse processo que o autor vai sentir necessidade de significar vida, pois esta é uma palavra que pode determinar a relação de existência puramente física, como também pode abranger a trajetória daquele que vive, isto é, suas vivências e os meios como obteve-as. Vida e experiência vão se por quase que como sinônimos, implicando no “princípio de continuidade e renovação”. (DEWEY, 1959, p.2). É importante salientar que além da renovação física vai existir a renovação desse aspecto que circunda a experiência, ou seja, para o ser humano acaba culminando em um processo onde suas “crenças, ideias, esperanças, venturas, sofrimento e hábitos” (DEWEY, 1959, p.2) se enquadram no que o aspecto de renovação abrange.

Isso tende a explicar todo o processo de renovação por agrupamento social, sendo a educação ponto central desse processo de renovação social da



vida. O modo pelo qual acontece a inserção dos imaturos, como chamados os mais jovens por Dewey, para fazer parte de seu grupo social, ocorre através da transformação da experiência, promovendo assim a entrada dos imaturos no interesse da comunidade (DEWEY, 1959, p.11).

O aprender é um aspecto que está presente desde o começo da vida humana, uma vez que, desde o nascimento o ser humano é guiado através de seus sentidos para o aprendizado. Assim como o desenvolver da vida humana, o processo social onde o indivíduo está inserido faz parte de um processo de aprendizagem, pois ele é educativo. É o processo de aprendizagem que acaba por diferenciar o homem de outros animais, o que aprendemos não fica guardado para outras gerações só pelo processo de nascer, é necessário o ensinar para que esse aprendizado não seja perdido. O processo educacional se encontra na forma de necessidade, é como se a vida humana estivesse indissociável ao aprender, tornando o processo de educar o centro do movimento e da evolução humana (DEWEY, 1959, p.3).

Todos os elementos constitutivos de um grupo social, tanto em uma cidade moderna como em uma tribo selvagem, nascem imaturos, inexperientes, sem saber falar, sem crenças, ideias ou ideias sociais. Passam com o tempo os indivíduos, passam, com eles, os depositários da experiência da vida do seu grupo. (DEWEY, 1959, p.2).

O percurso do existir é tomado por adversidades, e diferente de um ser inanimado que só absorve o impacto do que está externo a si, aqueles que são vivos tem duas opções; absorver o impacto, transformando-o ao seu favor ou sucumbir-se a ele, tornando-se um ser não-vivo (DEWEY, 1959, p.1). O ser humano, com sua racionalidade edifica um processo ainda mais complexo de conservação, este se relaciona através da transmissão. Ele, assim como todo ser vivo, recebe o impacto do externo e mais do que transformar isso ao seu favor consegue transmitir a forma como canaliza a sua sobrevivência.

A mais notável distinção entre seres vivos e inanimados é que os primeiros se conservam pela renovação. Ao receber uma pancada, a pedra opõe resistência. (...) A pedra nunca procura reagir (...) Quanto à coisa viva, pode ser facilmente esmagada por uma força superior mas jamais deixa de tentar converter as energias, que sobre ela atuam, em elementos favoráveis a sua

existência ulterior. Se não o consegue (...) perde sua identidade como coisa viva. (DEWEY, 1959, p.1)

A formulação dos aspectos que regem o educar na sociedade humana, nem sempre se encontram de forma clara e linear, cada grupo social se desenvolve através de características específicas de seu meio cultural, buscando a manutenção do seu viver em sociedade. A busca pela manutenção desse viver acaba por ser apresentado através da necessidade de passagem dos costumes vigentes de um grupo social, onde os mais velhos se utilizam dos mais novos (1959, p.2-3), depositando nesses a continuação do percurso social do grupo. Assim, afirma-se que a educação, enquanto forma de transmissão, não é um privilégio de sociedades desenvolvidas, mas um aspecto do humano, sendo encontrada das sociedades tribais as mais desenvolvidas (DEWEY, 1959, p.3). Portanto a educação se apresenta como aliada importante na transmissão do saber, surgindo assim, o educar.

Com o progresso da civilização começa a ser inviável um meio de manutenção que age apenas no espelhamento que os mais velhos passam aos mais jovens, ou seja, apenas a convivência não dá conta da ocupação social que o indivíduo pode vir a ter em seu grupo. Com o progresso acontecendo, fica claro que a passagem dos mais velhos para os mais novos deixa de ser uma relação de manutenção física e de subsistência. Quando se tem indivíduos participando de um grupo social, se tem também a trajetória desse grupo. Quanto mais complexa fica a relação, maior a trajetória, e como consequência se tem um distanciamento das vivências dos mais velhos em relação aos mais novos. É importante para a manutenção do grupo que os imaturos não cresçam indiferentes a trajetória de sua comunidade, culminando que esses conheçam e desejem participar dos objetivos do grupo ao qual fazem parte (DEWEY, 1959, p.3). A transmissão é a comunicação que existe em um grupo e, quando se tem uma sociedade que caminha de forma a ter sua trajetória cada vez mais complexa, se faz necessário o ato de institucionalizar a transmissão, existindo a necessidade do ensinar e aprender, tornando importante o papel que as escolas desempenham (DEWEY, 1959, p.4).

Se existe a necessidade de renovação e manutenção do saber através dos mais novos, existe uma via de mão dupla entre transmissão e comunicação. Para que uma sociedade aconteça a comunicação tem que estar no centro da vivência dos indivíduos que a ela pertencem, e só se faz uma sociedade a partir de interesses em comum, “crenças, apreciações e conhecimento” (DEWEY, 1959, p.4), um fim em comum faz parte da construção de uma sociedade e é a comunicação que permite aos indivíduos compreenderem o existir do outro. Ao se pensar nos interesses em comum, é importante compreender que a linguagem é o meio pelo qual se faz o convencer da importância destes, é ela que permite ao indivíduo compreender e sentir o outro que participa da sociedade onde está inserido. A vivência social complexa passa a significar ensino e aprendizagem, “não somente a vida social exige o ensino e aprendizagem para a sua continuação, como também por si mesma é ela educativa.” (DEWEY, 1959, p.6).

Um dos pontos discutidos por Dewey (1959), se encontra na busca de compreender quais os métodos utilizados pelos mais velhos para que tornem os mais novos semelhantes, conduzindo-os a manutenção da sociedade. O autor refuta aspectos frequentes na psicologia social, na qual a construção social se encontra em uma relação de imitação dos mais novos para com os mais velhos, e não em um processo de associação de indivíduos com outros indivíduos, que é o ponto onde a teoria de Dewey chega ao abordar as relações que fazem com que pessoas sintam necessidade de participar de um determinado grupo social (DEWEY, 1959, p.36.)

Já notamos a deficiência de certa psicologia da educação, que coloca nua, por assim dizer, a mente ou inteligência do indivíduo, em contato com os objetos materiais, acreditando que os conhecimentos, as ideias e as convicções se lhe acrescentem por essa interação. Só em tempos relativamente recentes se notou o predomínio da influência da associação com outros seres humanos para a formação mental e moral dos educandos. (DEWEY, 1959, p.36)

O fato que este percurso é um pouco mais complexo do que uma simples reação de imitação, já que esta jamais permitiria a um indivíduo reflexionar um fato e se manter em contato através da compreensão que se tem de outra

peessoa. Se manter conectado com outros indivíduos exige muito mais do que um percurso causal onde se gera a imitação. A perspectiva adotada por Dewey (1959) tem o reflexionar a partir de um processo de significação do meio no centro do debate do educar. Para Dewey (1959, p.37) a ideia de imitação “toma um efeito pela causa”, pois os “indivíduos que formam um grupo social tem mentalidade semelhante; eles compreendem uns aos outros”.

A relação que o ser humano estabelece com o que está a sua volta é o método utilizado pelos mais velhos para induzir os indivíduos imaturos a construírem suas percepções acerca de mundo, isso é, a forma como o meio se apresenta a um indivíduo em formação é determinante para relação que ele venha a construir com outros indivíduos de um meio social. O método consiste em ir moldando os imaturos através da ação do meio. Isso vem reforçar algumas convicções e inibir outras. Ambiente e meio acabam por se tornar uma peça importante no método de construção social apontado pelo autor, uma vez que eles representam:

(...) mais do que o lugar onde o indivíduo se encontra. Indicam a particular continuidade entre meio e as próprias tendências do indivíduo. Um ser inanimado acha-se naturalmente em estado de continuidade com o seu meio. (DEWEY, 1959, p.12)

A relação que o indivíduo cria com o mundo material a sua volta está em um sistema muito mais complexo do que um jogo de imitação, na verdade este se encontra em constante estímulo, e suas tendências com o meio são parte do direcionamento desses estímulos. Sendo o meio uma continuidade do indivíduo podendo este ser utilizado de forma consciente ou inconsciente. O fato apontado é, que crenças de um determinado grupo não são embutidas a força, mas se relacionam com a intensidade que um indivíduo é apresentado a elas. O meio ambiente passa a consistir em:

(...) condições que desenvolvem ou embaraçam, estimulam ou inibem a atividade *característica* de um ser vivo (...) Exatamente porque a vida não significa mera existência passiva (a supor-se possível tal coisa) e sim um modo de proceder e agir, – o ambiente ou meio significa aquilo que influi nessa atividade como condição para que se realize ou se iniba. (DEWEY, 1959, p.12)

O ponto que Dewey (1959) apresenta é que a vida em sociedade, por si só, é educativa, a forma como nos relacionamos com outras pessoas e construímos nossas experiências possuem caráter do aprender, ainda que de maneira informal, existe a tendência dos indivíduos conduzirem suas vidas a partir de aspectos que os direcionem para fins comuns. Alguns dos aspectos que transpassam essa condução nem sempre se apresentam de forma clara, cada meio que um indivíduo frequenta propõe a ele uma relação diferente de interesse, conduzindo-o a partir das relações de interesse em comum, sendo importante salientar que não é a proximidade dos indivíduos, ou o viver junto que constitui uma sociedade, mas o compreender e estabelecer relações que visem um fim em comum, fazendo com que os indivíduos desse comum hajam para alcançá-lo, isto constituiria uma comunidade (DEWEY, 1959, p.5). O autor deixa bem claro que não é o viver em proximidade que constitui uma comunidade:

Não é por viverem em proximidade material que as pessoas constituem uma sociedade – e, semelhantemente, homem algum deixa de ser socialmente influenciado por estar muitos palmos ou quilômetros distanciado dos outros. Um livro ou uma carta podem estabelecer, entre seres humanos afastados milhares de quilômetros um do outro, um elo mais estreito do que o existente entre pessoas sob o mesmo teto. Os indivíduos também, não constituem, por outro lado, um agrupamento social por trabalharem todos para um fim comum. As partes de uma máquina funcionam em conjunto para a obtenção de um resultado comum, mas não formam por isso uma comunidade. (DEWEY, 1959, p.5)

Sendo importante que os indivíduos estejam em sintonia com o fim comum: “Se, entretanto, todas essas partes tivessem conhecimento do fim comum e se interessassem na sua consecução, constituiriam então uma comunidade. Isto, porém, envolveria comunicação” (DEWEY, 1959, p.5). Quando uma pessoa percebe que sua atividade está associada à de outras, faz com que sua ação seja direcionada para atingir a aprovação daqueles que participam do seu meio, acaba por existir uma interdependência, onde a ação de um indivíduo acaba por atingir outro e vice e versa.

Um ser cuja atividade se acha associada à de outros tem um ambiente social. O que ele faz e pode fazer depende do desejo,

exigências, aprovação e reprovação dos outros. Um ser ligado a outros seres não pode desenvolver a própria atividade sem tomar em linha de conta a atividade dos outros. Essa constitui a condição indispensável para a realização de suas tendências. (DEWEY, 1959, p.13).

É importante reforçar que o meio social não implanta de forma direta os desejos e ideias, nem trabalha com o condicionamento do hábito, mas faz com que a pessoa se envolva em atividades que ela possa sentir o sucesso e o fracasso do que executa junto do grupo que dela participa. Isso faz com que aconteça uma ação pela forma como se realiza os objetivos do grupo e, não por hábitos instintivos que esta poderia vir gerar nele. Isso faz com que o participante da atividade se encontre envolvido através do emocional, adotando crenças análogas ao seu grupo (DEWEY, 1959, p.15).

O meio social é responsável por criar as atitudes mentais e emocionais dos indivíduos. Isso faz com que desperte nos imaturos impulsos que variam de acordo com o objeto. Dessa forma é apontada a força educativa que o ambiente social acaba por ter, não precisando essa ser intencional, podendo atuar de maneira indireta. É comum em sociedades menos desenvolvidas existir apenas esta força operando. É ela que inicia os mais jovens nas crenças e atividades do grupo. Nas sociedades mais desenvolvidas o seio familiar costuma atuar com este tipo de relação, tornando-o, o primeiro ambiente educacional de uma criança, para que depois esta venha a frequentar a escola (DEWEY, 1959, p17-18).

É quando o imaturo começa a se relacionar com outros indivíduos e demonstrar uma inclinação a participar de um grupo social, seja ele familiar ou externo a esse primeiro núcleo formativo, que começa a surgir a necessidade de aquisição da linguagem. Esta é importante para a aquisição do conhecimento e também para o processo de transmissão deste. Este ato de transmitir vai passar a se associar a ações. Esse é um processo que comumente transpassa a esfera da literalidade que existe na significação, torna-se comum com a vivência serem embutidos em uma palavra muito mais do que ela significa de maneira literal, e isso se relaciona com a vivência do indivíduo e com a do grupo que ele faz parte,



ou da relação entre palavra, objeto e pessoas que o ajudaram a significar (DEWEY, 1959, p.16-17).

Os sons da palavra chapéu ficariam completamente sem sentido, pareceriam ruídos inarticulados, se não fossem proferidos quando associados a um ato de que se participa com alguma outra pessoa. Quando a mãe vai levar a criança a passeio, fala “chapéu” enquanto põe alguma coisa na cabeça do pequeno. Ser levado a passeio torna-se um interesse para este; não só a mãe e o filho saem materialmente a passeio, como se interessam ambos por esta saída, deleitam-se juntamente com ela. Por essa associação com outros fatores em ação, os sons de “chapéu” tomam logo para a criança a mesma significação que tem para os pais; tornam-se um símbolo da atividade em que ela toma parte. O simples fato de que a linguagem consiste em sons *mutualmente inteligíveis*, basta para mostrar que sua significação exige que haja uma experiência compartilhada. (DEWEY, 1959, p.16)

A linguagem pode ser definida como um hábito que se adquire para a vida na sociedade, são os aspectos em comum que proporcionam o significado para as coisas, é necessário essa dinâmica de uma ou mais pessoas para que ocorra o processo de associação, que acaba por conduzir para um lugar comum (DEWEY, 1959, p.17). A linguagem é um hábito adquirido que se desenvolve de uma relação comum da vida. Não está relacionada aos meios de instrução, mas de uma necessidade social (DEWEY, 1959, p.19).

## 2.1. EDUCAÇÃO FORMAL EM DEWEY

Até o ponto aqui apresentado, foi exposto, o percurso que Dewey (1959) aponta como fatores de necessidade do educar, sem muito adentrar nos processos de ensino formalizados, visa-se compreender em primeiro momento todo o percurso que o autor constrói para que possamos entender a necessidade da educação, e isso, sem a intencionalidade existente na educação formal. Quando a sociedade ocupa um patamar de desenvolvimento e complexidade, muito dos fatores aqui expostos ganham também sua vertente formalizada, através de instituições de ensino, isso acontece quando só a vivência não permite ao indivíduo continuar o processo de renovação e manutenção social,

tendo que recorrer a recursos e metodologias educacionais, para que assim, a sociedade possa continuar crescendo sem ter que retomar a cada nascimento o seu processo civilizatório.

O caminho que se faz até aqui aponta para dois formatos diferentes de educação; uma que se relaciona com a convivência e que não está em uma relação intencional, e uma outra, que se faz pela intencionalidade da transmissão. No primeiro caso a educação tende a ser casual, natural. Ela tem sua importância, mas não está no princípio do processo de associação. A segunda se encontra institucionalizada, caracterizando um processo formal da educação (DEWEY, 1959, p.7). Nos grupos sociais, menos evoluídos, se encontra pouco do que seria a educação formal, nele está presente apenas a utilização do potencial das emoções dos indivíduos, se inserindo aos poucos, nas atividades que o grupo mais velho da comunidade realiza, não existindo, assim, um lugar destinado ao educar (DEWEY, 1959, p.8).

O ponto que se pretende aqui é compreender em que momento a instituição passa a ser uma característica da vida humana, já que existem uma infinidade de instituições que circundam o meio em que o indivíduo vive, mas nem todas tem, em seu intuito original, o ato de educar, elas contribuem como meio associativo, tornando a institucionalização da vida, uma característica de sociedade complexa. O indivíduo que se encontra no processo do educar se vê habilitado para participar da vida em comum e, de todas as relações associativas que se encontram em uma sociedade complexa (DEWEY, 1959, p.7).

Pode-se, entretanto, dizer, sem exagero, que a medida do valor de qualquer instituição social, econômica, doméstica, política, legal e religiosa está em sua capacidade de amplificar e aperfeiçoar a experiência, embora essa capacidade não faça parte de seu motivo originário, que era mais restrito e imediatamente prático. (DEWEY, 1959, p. 7)

Quando uma sociedade se encontra em um processo mais complexo de formulação, se distanciando dos aspectos que regem o viver e a constituem só pela convivência, o progredir em sociedade acaba aumentando a diferença entre os mais novos e mais velhos. O buscar uma ocupação apenas pela convivência se torna algo não viável. Para se tornarem aptos a desempenhar um papel em

seu grupo, os imaturos devem buscar suas aptidões em escolas através do estudo. A sociedade complexa exige que se formule uma educação formal para amenizar a barreira existente entre a sua trajetória e o lugar onde o indivíduo imaturo se encontra, sem isso, torna-se “impossível a transmissão de todos os recursos e conquistas de uma sociedade complexa” (DEWEY, 1959, p.8).

É nessa transformação da educação comum para educação formal que Dewey (1959), irá apontar os perigos e consequências existentes nesse processo. Ele aponta que, educação se formula através da instituição escola que pode se apresentar de forma superficial, por não proporcionar aos mais jovens formas eficazes no ensinar (DEWEY, 1959, p.4). A educação formal acaba por perder a sua relação com os interesses práticos, tendo em sua construção saberes que se distanciam da vida social, tornando-se técnica e de transmissão codificada. Todo esse processo acaba por passar por cima da necessidade social, ignorando a identificação que um indivíduo possa vir a ter com a história humana (DEWEY, 1959, p. 9)

A preeminência é dada, nas escolas, exatamente a conhecimentos que não são aplicados à estrutura da vida social e ficam em grande parte como matéria de informação técnica expressa em símbolos. Por esta forma chegamos à noção ordinária de educação: a noção que ignora sua necessidade social e sua identificação com toda a associação humana que influi na vida consciente e que a identifica, ao contrário, com a aquisição de conhecimentos sobre matérias de interesse remoto e com a transmissão do saber por meio de sinais verbais: a aquisição de letras. (DEWEY, 1959, p.9)

A forma como a influência dos adultos ocorre sobre os mais jovens se encontra em um processo onde se altera o meio, isso faz com que haja na forma como os jovens pensam e sentem. Assim o educar sempre ocorre de forma indireta através do ambiente. O que ocorre é escolher intencionalmente o meio para se chegar no fim desejado. As escolas são um ambiente tipicamente pensado e preparado para agir no moral e mental daqueles que ali frequentam. Escolas passam a existir quando as tradições sociais se tornam complexas ao ponto de terem que ser transmitidas a partir de símbolos. Estes não podem ser aprendidos em relações casuais, com isso acaba se relacionando matérias estranhas a existência mais ordinária dos indivíduos (DEWEY, 1959, p.20).

A necessidade de se ensinar saberes providos por outras pessoas acaba por desaguar em três premissas básicas apontadas pelo autor. A primeira consiste na ideia de que uma civilização complexa não pode ser assimilada em seu todo, ela acaba por se fragmentar, para poder ser assimilada aos poucos, sendo a escola um ambiente onde se conduz os jovens para aprender do simplificado ao complexo. A segunda premissa, se baseia na capacidade que a escola possui em eliminar a influência da educação comum, que tem grande influência sobre os hábitos mentais. Esse processo de selecionar o que a escola deve passar, faz parte de uma seleção que não tem a intenção de transmitir e conservar tudo que uma sociedade produz, mas escolher o que formaria uma sociedade mais perfeita no futuro. E como terceira e última, caberia ao meio escolar dar oportunidades para que os indivíduos possam fugir das tentações de seu grupo social, proporcionando desta forma um ambiente mais amplo. (DEWEY, 1959, p.21)

O hábito é um ponto importante na forma como compreendemos a instituição escola e a forma como se adquire este, uma vez que dentro de processos psicológicos este pode ser entendido como um processo de adestramento e este seria diferente de um processo educacional. Dewey (1959) aponta, que sim, hábitos podem surgir de relações positivas ou negativas com o meio, sendo o meio social importante no processo de modelação. É comum, para o ser humano, ser adestrado quase que como um animal, criando assim hábitos úteis, isso é apontado como um processo que não se vincula a educação, mas que é comum ser estimado e de grande valor social no momento em que se prepara os imaturos para a vida em sociedade. Para que o ser humano possa de fato participar de uma atividade comum, este tem que ter seu “impulso originário modificado”. O agir do homem em um meio social ultrapassa a relação de prazer e desprazer. Quando se está em um grupo é importante que esse compartilhe das ideias e emoções que condizem com as pessoas com que este se relaciona (DEWEY, 1959, p.14)

Ora, em muitos casos – muitíssimos – a atividade do ser humano imaturo é simplesmente provocada para a aquisição de hábitos úteis. É mais adestrado como animal do que educado como um ser humano. Seus instintos ficam presos aos objetos que lhe originam a dor ou o prazer. Mas, para ser feliz ou evitar o desgosto do malôgro, ele deve proceder de modo agradável aos

outros. Em outros casos, porém participa realmente da atividade comum. Modifica-se então seu impulso originário. Não somente procede de um modo que se harmoniza com a ação dos companheiros, como também, procedendo assim, se despertam nele as mesmas ideias e emoções que animam aqueles. (DEWEY, 1959, p.14)

Quando se fala de ambiente social e a relação que é gerada entre os indivíduos através desse, surge outro ponto importante, o da significação. É através dela que se permite agir com inteligibilidade diante de uma situação. Um indivíduo sem significação age de forma cega, de maneira inconsciente e sem inteligência. Dewey (1959) expõe que nem todos os hábitos surgem de maneira consciente, mas que é necessário ganhar consciência, para que daí possa-se gerar um juízo de valor (DEWEY, 1959, p.31-32). Agindo de forma importante na formulação de grupos sociais, a significação, gera uma relação de motivação na construção de comunidades, isso é, quando um indivíduo significa sobre sua ação ou a ação do outro, este passa a estar dirigido socialmente, começa a compreender como as ações são tomadas (DEWEY, 1959, p.34). A pergunta que se resta a fazer acerca do hábito e de instituições de ensino é: estas conseguem criar em seus imaturos um posicionamento de reflexão sobre os indivíduos que adentram em suas dependências ou são apenas adestradoras que condicionam o hábito de acordo com relações positivas e negativas que os mais jovens criam com o ambiente?

O fato que Dewey (1959) aponta é que a sociedade moderna se torna complexa pela forma como relaciona a diversidade presente em si, ela é uma sociedade composta por muitas sociedades, mais ou menos entrosadas entre si. Para Dewey (1959), sociedade vai ganhar uma definição que se enquadra em grupos mais íntimos. Comunidade vai estar entendido o que é de vida associada, ou seja, indivíduos que tenham objetivos em comum. (DEWEY, 1959, p.22-23). A exigência de uma instituição para educar vai surgir da quantidade de grupos sociais que existem, pois, cada comunidade costuma ter seus princípios e objetivos. A educação formalizada através da escola viria com o objetivo de homogeneizar. A escola vai ganhar a função de coordenar a vida mental do indivíduo e as diversas influências que esse tem. A educação possui força para fortalecer e integrar o indivíduo (DEWEY, 1959, p.23). Assim, parece que a

escola ganha o papel de eliminar traços que venham das comunidades de origem dos indivíduos, os hábitos que costumam apresentar e não venham a condizer com a proposta da sociedade maior. Percebe-se na escola, muito mais um intuito de adaptar o indivíduo para sua vida futura como adulto, do que abrir possibilidades de compreender seus hábitos e os hábitos que ligam ele a outros indivíduos.

É comum a educação estar associada a uma atuação de controle, guia ou direção. São pontos importantes apontados por Dewey na forma como os adultos se propõem a conduzir os mais novos, induzindo-os a controlar seus impulsos naturais para apresentarem uma conduta que se relacione a forma como aquele grupo social se porta publicamente (DEWEY, 1959, p.25). Por mais que a educação direcionada não atue de forma tão claramente imposta, é comum aos adultos a noção de direção só ser percebida quando o outro não acaba o percurso que ele quer. É dos processos educacionais, moldar o indivíduo pelo físico, isso é, não promovendo resultados de reflexão, apenas condicionando-o através do ambiente. A forma como o ambiente gera impulsos positivos ou negativos, acaba por ser utilizado no processo educacional, não se usa da transformação do hábito através do ganho de consciência, mas sim da relação que o indivíduo cria com as coisas. Assim, utiliza-se de situações de autoridade, medo e vexamento para afastar o indivíduo de ocasiões que não colaborem com a perspectiva esperada para este. (DEWEY, 1959, p.29).

Nesses casos de ação direta sobre os outros precisamos distinguir os resultados físicos dos resultados espirituais. Pode uma pessoa achar-se em tal situação que convenha, em seu próprio benefício, força-la a alimentar-se ou conservá-la presa. Podemos afastar rudemente do fogo uma criança, para que não se queime – mas não se seguirá com isto um aperfeiçoamento mental ou efeito educativo. Um tom de voz áspero e autoritário pode ser eficaz para mantê-la arredada do fogo, produzindo-se o mesmo desejável efeito material de um empuxão violento. Mas no segundo caso não há mais obediência mental do que no primeiro. Podemos tolher que um larápio penetre em casas alheias, conservando-o preso; mas com isto não modificamos sua inclinação para a prática de roubos. Quando confundimos resultado físico com resultado educativo, perdemos sempre as probabilidades de fazer a própria pessoa contribuir, com sua participação, para o efeito visado e de, por esse meio, desenvolver-lhe no espírito uma direção intrínseca e perseverante no sentido conveniente. (DEWEY, 1959, p.29)



Existe uma crítica muito forte em relação a maneira como a educação acontece passivamente no ambiente escolar. Ela está em uma posição que se trabalha apenas com o falar e ouvir, deixando de lado o processo de construir. Ela afasta o indivíduo da relação principal que move o processo educativo, que seria o se unir através do objeto em comum. Diante da passividade com a qual ela ocorre, acaba por não colocar os imaturos em uma relação social, ou seja, entrar em contato com sentimentos e emoções que permitam aos indivíduos encontrarem nichos que direcionem o desenvolvimento dos objetivos em comum. O processo educacional na forma como se apresenta, torna os mais jovens receptáculos, o que faz do processo educacional uma relação de condicionamento, a forma como o conteúdo é passado afasta o indivíduo da relação de transformação e coloca-os distantes de construir habilidades e engajamentos sociais.

(...) tende a excluir o senso social derivado da participação em uma atividade de interesse e valor comuns, o esforço para o aprendizado intelectual isolado contraria seu próprio escopo. Conservando um indivíduo isolado (...) não poderemos desse modo fazê-lo compreender a significação das coisas da vida de que faz parte. (...) Só se consegue mentalidade social dedicando-se os homens à atividade conjunta, na qual o uso de materiais e utensílios, por parte de uma pessoa, se relaciona conscientemente com o uso que outras pessoas fazem de suas aptidões e recursos. (DEWEY, 1959, p;42)

A educação tende a ser vista como desenvolvimento, mas como mostra Dewey (1959, p.53), deve-se estar atento a forma como se entende desenvolvimento, pois, pode-se relacionar ao crescer enquanto aspecto da vida, levando a educação a ser um processo onde está seu próprio fim, isso é, educação é um contínuo desenvolver-se e que não cessaria e estaria sempre se reorganizando, construindo e se transformando. Porém, é comum no ambiente escolar se usar o desenvolvimento com um objetivo final, estabelecendo metas para que ocorra o desenvolvimento. Quase sempre essas metas envolvem o tornar-se adulto do imaturo. O ambiente escolar acaba por se tornar um processo de castração, onde toda sua formulação visa modelar o adulto que a criança vai ser, tornando-a um receptáculo vazio e não uma agente de transformação social.

A escola, deixando de ser um ambiente engajador para o futuro do imaturo, obriga-a a trabalhar de forma que, segundo o autor:

(...) obriga-nos a recorrer em grande escala ao uso de motivos artificiais de prazer e de dor. Com o futuro que não tem poder estimulante e orientador quando separado das possibilidades do presente, algo deve ser descoberto para exercer aquela função. Empregam-se então promessas de recompensa e ameaças de punição. Trabalho sadio, realizado por motivos atuais e inerente ao próprio processo de viver, é, por assim dizer, automático e inconsistente. O estímulo se acha na situação que se depara atualmente a alguém. Mas desde que se atende a esta situação, precisa-se dizer aos alunos que, se não procederem do modo prescrito sofrerão a imposição de penas. (DEWEY, 1959, p. 59)

O que se consegue compreender da crítica que Dewey (1959) apresenta acerca da educação formal, é que ela anda em contramão aos aspectos da vida social. A forma como a educação comum acontece ao elaborar os primeiros aspectos de vida social, parece morrer ao adentrar no ambiente escolar. Este deveria ter em sua formulação o transformar a vida comum, mas acaba por ceifa-la de seu ambiente. Isso é pela forma como o hábito é conduzido, quase que como categorizado em úteis e não úteis. Aqueles que não são úteis ao adulto que a instituição deseja precisam ser suprimidos e não transformados ou compreendidos pelo indivíduo que os tem, tornando o ambiente escolar uma institucionalização do adequar e não do aprender.

### **3. INSTITUIÇÕES TOTAIS**

A amplitude da vida em sociedade se dá através de estabelecimentos sociais, e essas são instituições de convívio em comum, ambientes onde as pessoas costumam compartilhar e vivenciar suas vidas. Em geral esses ambientes costumam se dividir conforme as esferas sociais de necessidade de vivência do indivíduo, que nem sempre se concentra em uma única esfera social. Existe a esfera do trabalho, do estudo, do lazer e do dormir (GOFFMAN, 2015, p.17), cada qual segue sua especificidade e sua autoridade, mas nunca

concentram o existir por completo do indivíduo, permitindo que este transite sem se prender por nenhum desses ambientes.

Para Goffman (2015) a vida social de cada indivíduo é transpassada pelas instituições nas quais ele está inserido. Em cada instituição que um indivíduo adentra essa passa a determinar a personalidade daquele que se encontra participante do ambiente. Isto é, uma pessoa se vê na necessidade de adequar a sua personalidade às regras e necessidades que cada estabelecimento pede para que este indivíduo faça parte. A instituição passa a ser o meio social onde seus participantes acumulam interesses em comum. Por ter indivíduos associados a partir de um ou mais objetivos em comum, é normal haver nas instituições a característica do fechamento, podendo ocorrer de algumas instituições serem mais fechadas do que outras. Isso não é diferente dos aspectos apresentado por Dewey (1959), onde a ideia inicial de comunidade se relaciona a partir de como os indivíduos criam relações em comum. Em um primeiro momento no núcleo familiar, sendo dirigido e participando dos interesses que sua família partilha, tendo seu espelho nos mais velhos desse grupo. Conforme acontece o amadurecimento do indivíduo, este passa a participar de outros grupos sociais, ampliando dessa forma, os estabelecimentos aos quais se relaciona. Portanto, como apresentado na perspectiva dos dois autores, a vivência social e o se relacionar dos indivíduos sempre se apresenta através de características comuns, que traspassam a relação de todos que se encontram presentes em um mesmo lugar.

Dentre os tipos de instituição que Goffman (2015) apresenta, existem aquelas que se destacam pelo tipo de fechamento que apresentam, não se resumindo apenas ao fechamento em relação aos interesses dos indivíduos que frequentam esses espaços, mas se relacionando com os aspectos físicos que compõe essas instituições, que tem na característica de seu fechamento um isolamento social do indivíduo, fechando-se na tentativa de impedir a saída de seus frequentadores. Existe nesses espaços uma dinâmica de vida muito diferente das instituições convencionais que se apresentam na sociedade, para esses espaços, o autor vai usar a denominação de *Instituições Totais*, sendo caracterizadas por três tipos bem específicos; prisões, manicômios e conventos. A característica principal destes ambientes se dá pelo aspecto de isolamento da

vida civil, onde os indivíduos que ali adentram estão condicionados a passar, tendo todos os aspectos de sua vida realizadas em um mesmo local sob a autoridade de um mesmo indivíduo ou grupo.

As *Instituições Totais* vão ser divididas em cinco grupos; o primeiro volta-se ao cuidado de incapazes, pessoas que não conseguem viver em sociedade, mas que não apresentam riscos sociais; o segundo grupo, destina-se aqueles que são incapazes de se cuidar sozinhos, representando riscos para si e para outros (não sendo esse risco intencional); o terceiro grupo se relaciona com a segurança da comunidade, isso é, este se destina a um grupo de indivíduos que representa um perigo intencional a sociedade; o quarto grupo, é para aqueles que se visa estabelecer algum tipo de trabalho; O quinto e último grupo, se caracterizam como lugar de refúgio do mundo e com alguma intenção religiosa (GOFFMAN, 2015, p.16-17).

A forma como essas instituições se constroem e se estabelecem em um sentido cultural, se apoia em aspectos que, para o indivíduo que a frequenta e se relaciona dentro dela não possui serventia nenhuma com as suas relações externas a este estabelecimento, ou seja, as *Instituições Totais* costumam estar em um descompasso com o mundo. Na sociedade é comum os indivíduos frequentarem diversos espaços sociais, o que os leva a estar em contato grupos diferentes de pessoas. O tipo de isolamento social imposto no ambiente da *Instituição Total*, coloca todos os aspectos da vida do indivíduo regidos por uma única autoridade, estes passam a ter todas as atividades de sua vida diária realizadas em grandes grupos, sempre em companhia de outras pessoas, tendo suas ações sempre pré-determinadas e feitas em conjuntos. As atividades são sempre impostas e existe sempre um conjunto de regras a se seguir, colocando todas as atividades em um mesmo plano, visando sempre atender as necessidades da instituição.

Nesses grupos se faz necessário a supervisão que acompanhe as atividades, e não como orientação ou inspeção, mas como vigilância. Como são muitas pessoas a serem controladas, passa-se a trabalhar com uma organização burocrática. É comum existir uma divisão básica entre aqueles que precisam ser controlados pela estrutura da instituição e os que controlam, sendo divididos em internados e equipe dirigente. Aqueles que vigiam estabelecem relação com o

externo, diferente do internado que passa a ter sua comunicação e sua ação delimitada, não tendo acesso ao seu destino dentro da instituição. A relação entre esses dois grupos não é amigável e quase sempre hostil como aponta Goffman:

A equipe dirigente muitas vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança; os internos muitas vezes vêem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados. (GOFFMAN, 2015, p.19)

Como pessoas civis que participamos de diferentes ambientes sociais, acabamos por absorver diversos hábitos culturais. Quando o indivíduo é fechado em uma *Instituição Total* é comum que este seja descaracterizado desses aspectos, e passa a vivenciar apenas a cultura do ambiente ao qual está internado. Nesse ambiente as leis que regem e protegem o que faz de uma pessoa indivíduo se perdem na necessidade do isolamento que esses ambientes representam, aos poucos, os que adentram nelas se tornam “incapazes de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária” que seriam praticas relativamente simples em um ambiente social comum (GOFFMAN, 2015, p.23). Aqueles que adentram nesse espaço e são descaracterizados de suas vidas individuais, quando tem a oportunidade de retornar aos aspectos cotidianos de uma vida social, se encontram incapazes de realiza-las. Este processo onde o indivíduo se desculturaliza é denominado por Goffman (2015) de “mortificação do eu”, condição que atinge o físico e o psicológico daqueles que adentram nestes estabelecimentos. No mundo externo ao da *Instituição Total* existe uma série de características, ações, atribuições físicas e pessoais que caracterizam o eu, e dão recursos para que o indivíduo se reconheça, o processo de descaracterização coloca ele em um movimento onde não se reconhece mais.

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas

vezes não intencionalmente mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que tem seu respeito dos outros que são significativos para ele. (GOFFMAN, 2015, p.24)

Dentro da *Instituição Total* faz-se necessário o isolamento, é ele que proporciona a unificação do grupo. Parte-se de um isolamento que não restringe o indivíduo de participar do mundo, mas o faz romper com sua história. Tudo o que ele viveu até a entrar no ambiente da instituição fica do lado de fora. Isso acaba por colaborar com uma “morte civil” do indivíduo. Todo esse processo faz parte da objetificação do indivíduo, facilitando o processo de administrar o estabelecimento. Outro aspecto que, comumente é utilizado para descaracterizar indivíduo, se relaciona com a privação do nome, Goffman (2015) aponta que esta faz parte da mutilação do eu, que se associa aos apelidos e as formas jocosas que entram no tratamento do indivíduo assim que ele é descaracterizado de seu nome. Os meios de diminuir e fazer sumir tudo o que uma pessoa é são muitos, não se satisfazendo apenas com a retirada do nome ou diminuindo o que caracterizaria uma pessoa, passando, até mesmo, pelos bens materiais que uma pessoa possa vir fazer uso. Nas *Instituições Totais* a padronização e degradação se encontra, inclusive, em artigos básicos de uso pessoal, sendo sempre oferecidos pela instituição de forma escassa e precária.

O processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez. Evidentemente, o fato de sair exige uma perda de propriedade, o que é importante porque as pessoas atribuem sentimentos do eu aquilo que possuem. Talvez a mais significativa dessas posses não seja física, pois é nosso nome; qualquer que seja a maneira de ser chamado, a perda do nosso nome é uma grande mutilação do eu. (GOFFMAN, 2015, p.27)

Dentro do espaço da *Instituição Total* é comum a humilhação, tanto nos aspectos físicos, quanto nos verbais. É através da humilhação que se coloca o indivíduo em situações de exposição sentimental, não tendo nenhuma característica que o componha, que não venha a se tornar um motivo para o expor a situações vexatórias. Não restando ao interno nem a possibilidade de defesa, já que esta também é uma característica que se busca eliminar dentro



desses ambientes, já que a autonomia do eu é cortada de forma física e psicológica, não restando a esse nenhuma forma de se proteger. Goffman (2015) expõe que a mortificação do eu ocorre em um sistema de circuito, onde acontece a repressão do indivíduo, suprimindo qualquer liberdade psicológica que esse possa ter.

### 3.1. INSTITUIÇÕES TOTAIS E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

As escolas são instituições com regras as quais os indivíduos que adentram em suas dependências devem se adequar para participar. É comum para as crianças ter sua vida social limitada à dois ambientes; o familiar e o escolar. Por mais que a escola não se enquadre nas definições de *Instituição Total*, vale ressaltar algumas características desses ambientes e a forma como os alunos se relacionam com ele que muito se assemelham ao conceito construído por Goffman (2015). A vida social de um adulto é construída e delimitada através de uma amplitude de ambientes sociais que culminam na formação e construção da vida civil. Mas antes de participar de todos os meios e ambientes que uma vida social em plenitude como a civil proporcionam ao indivíduo adulto, é importante salientar a instituição escola, que encaminha e molda o adulto que a criança se torna.

A educação formal apresenta dificuldades em encaminhar sua finalidade diante da diversidade de indivíduos que se apresenta a ela. O estudante que adentra pela primeira vez na escola, traz consigo apenas a bagagem de uma educação adquirida através da vida social comum, aquela que foi adquirida em sua vivência social (DEWEY, 1959). O que se mostra cada vez mais presente é que as instituições de ensino não conseguem conduzir o seu trabalho por encontrarem na vivência social uma barreira que não permite a condução da educação formal. O aluno que chega em uma instituição e não se encontra preparado para receber a linguagem formalizada, acaba por pegar suas vivências e significações destas e transforma-las em uma relação negativa com a educação. Quando a educação de uma escola se apresenta à um jovem aluno, se espera que este possua um nivelamento mínimo em suas vivências sociais

para que esse possa receber os saberes propostos pela escola, mas nem sempre é isto que acontece.

Assim como a vida daqueles que frequentam uma *Instituição Total*, o percurso educacional daqueles que se veem matriculado em uma instituição de ensino se mostram a parte de seu percurso, tornando sua trajetória dentro desses espaços algo que não possuem acesso, isso é, este não possui consciência do que está programado para si, tanto dentro de uma *Instituição Total* como do ambiente escolar. Ele passa a maior parte do tempo em um lugar que visa cumprir interesses que, por vezes, não parecem se conectar com sua vida externa a este ambiente. A escola como apresentada por Dewey (1959), acaba por entrar em um processo que se distânciada da educação comum tornando o ambiente escolar um processo nivelador e homogeneizador. Isso é, porque o processo educacional visa, de fato, distanciar os saberes da vivência aos que a escola se destina a ensinar. Todos os hábitos construídos através das experiências anteriores à escola são tratados como descartáveis, não sendo feito um processo de transformação do saber informal daquele que ingressa no processo educacional formal. Impõe-se ao indivíduo que adentra no espaço educacional que este rompa com o que ele é, para se tornar o que a escola precisa.

Não existe um problema em se construir um saber formal, já que o caminho que a civilização constrói é longo e se faz necessário a sua sintetização para que a humanidade continue a progredir. É importante que os mais novos possam alcançar o saber dos mais velhos. A educação é modeladora, mas mais do que do indivíduo que a recebe é do meio em que esse se encontra (DEWEY, 1959). Por isso, é importante as relações que Dewey traça entre ambiente e meio e as tendências que este tem em influir no indivíduo que se mostra ativo em sociedade.

O meio ambiente onde o indivíduo se encontra faz com que a vida deste não ocorra de forma passiva, é ele que indica a atuação ou inibição de um indivíduo em sociedade, o proceder passa a ser determinado pelo meio que indivíduo se encontra. O existir e habitar um ambiente geram significações que ultrapassam o significado específico das coisas, o existir e vivenciar o ambiente passam a significar a vivência e as coisas que fazem parte da existência do

indivíduo, por isso, a educação pode ter como aspecto principal a reconstrução e reorganização da experiência, ela tem como característica proporcionar aos indivíduos de uma sociedade a reflexão sobre as ações do presente, do passado e do futuro.

As palavras “ambiente” e “meio” denotam alguma coisa mais do que o lugar que o indivíduo se encontra. Indicam a particular *continuidade* entre meio e as próprias tendências ativas do indivíduo. (...) o meio ambiente consiste naquelas condições que desenvolvem ou embaraçam o indivíduo, estimulam ou inibem, a atividade *característica* de um ser vivo. (...) Exatamente porque a vida não significa mera existência passiva (a supor-se possível tal coisa) e sim um modo de aprender e agir – o ambiente ou o meio significa aquilo que influi nessa atividade como condição para que se realize ou se iniba. (DEWEY, 1959, p.12)

A crítica que Dewey (1959) faz sobre a educação formal se relaciona com vários pontos que caracterizam uma *Instituição Total*. A forma como essa descarta a formulação de interesse do indivíduo e, a ideia de comunidade exposta por Dewey, parece ser o ponto que leva, tanto *Instituição Total* como escolar a um processo de isolamento do indivíduo. A forma como o meio age sobre uma pessoa é fundamental nesse processo, já que, antes de adentrar na escola, a aprendizagem se dá principalmente pelas relações, podendo essas serem, de estímulos positivos e negativos. É a partir dele que se constrói as relações de grupo social, onde o indivíduo é motivado a se engajar com seu meio para que possa ter o reconhecimento do seu grupo social. O aprendizado pelos objetivos que um grupo proporciona ao imaturo são totalmente descartados na formulação educacional, gerando apenas uma relação passiva com o espaço escolar, onde o aluno passa a ter a obrigação do aprendizado, já que o ambiente escolar não trabalha com a dinâmica que visa esse fim comum, ou pelo menos, não engaja o indivíduo a perceber isso.

O ponto é, que a escola, enquanto instituição acaba por fornecer a esses indivíduos uma nivelação onde o eu informal passa a ser substituído por uma formalização que não dialoga com as suas vivências anteriores. Dewey (1959) nos apresenta que o indivíduo é antes da educação formal tudo aquilo que ele vivenciou em sua vida social, a sua educação antes de entrar na escola se fez em meios informais. Quando uma criança vai para escola pela primeira

vez, o núcleo de vida social em que ela mais participou é a família, esta educou a criança segundo os seus interesses, isto é, “crenças, apreciações e conhecimento”. Se a criança vem de uma família com recursos sociais limitados, ela vai apresentar essas características ao adentrar na educação formal, muitas vezes não conseguindo acompanhar a diversidade e complexidade de conteúdos propostos nestes espaços, tornando o aprendizado destes lugares incompatíveis com sua vivência social.

Temos aqui a delimitação e a similaridade das *Instituições Totais* com as instituições educacionais, demonstrando que existe uma transformação do indivíduo, mas uma transformação sem correspondência com sua vida social comum. Se o seu ambiente familiar é um meio limitador, a escola como instituição social não representa uma transformação do indivíduo para frequentar outros meios, acaba por se tornar um rito de passagem obrigatório para onde o indivíduo é encaminhado. Assim como os indivíduos das *Instituições Totais*, aqueles que se tornam alunos, nutrem o sentimento de tempo perdido, para os internos desse tipo de instituição se relaciona ao tempo improdutivo passado e sem correspondência com suas vidas externas às *Instituições Totais*, aos alunos, o sentimento se assemelha diante da passagem de conhecimento formalizada que não se conecta as suas vidas sociais.

(...) entre os internados de muitas instituições totais, existe um intenso sentimento de que o tempo passado no estabelecimento é tempo perdido, destruído ou tirado da vida da pessoa; é tempo que precisa “ser apagado”; é algo que precisa ser “cumprido”, “preenchido” ou “arrastado” de alguma forma. (GOFFMAN, 2015, p.64)

A educação nesse aspecto pode gerar um sentimento muito parecido com a desculturalização das *Instituições Totais*, uma vez que, para os indivíduos que não se apresentam preparados ao saber formal esta passa a ser só um meio de moldar pessoas e não intercambiar vivências e transformar experiências, o fato é que, o indivíduo pode adentrar com uma referência precária em sua formação informal e não encontrar a ponte que faz desse saber transformável, tornando a escola, assim como as *Instituições Totais*, um lugar onde a vivência e os saberes não possuem sentido algum ao mundo social externo. Se um interno não

consegue enfrentar aspectos de sua vida diária, após um período em uma *Instituição Total* (GOFFMAN, 2015, p.23), uma pessoa que sai da instituição escolar não consegue usar o saber adquirido para reformular a sua existência diária.

Nesse processo de vivência que se estabelece entre o meio familiar e escolar, a criança passa a ter suas construções delimitadas em dois ambientes bem específicos e com autoridades bem específicas. Constata-se que, nunca está em plenitude com sua autonomia, tendo ela delimitada e monitorada pelas autoridades que a representam nesses meios. Se em casa a criança é submissa a vontade de seus pais ou responsáveis, na escola, essa se encontra a mercê de adultos que impõem a ela o percurso ideal do saber. O indivíduo que se encontra nesses dois ambientes é constantemente lembrado que não está à serviço de sua vontade e sim daqueles que correspondem ao saber dos mais velhos. Como nas *Instituições Totais*, existe uma delimitação bem clara do papel que cada um ocupa e das diferenças hierárquicas de cada função. Se o professor tem o papel de ensinar, é obrigatório do aluno o aprender.

O papel de dirigente e o de internado abrangem todos principais realizações das instituições totais é apresentar uma diferença entre duas categorias construídas de pessoas – uma diferença de qualidade social e caráter moral, uma diferença nas percepções do eu e do outro. Por isso, toda organização social de um hospital para doentes mentais parece indicar a diferença profunda entre um médico da equipe dirigente e um doente mental; numa prisão, entre um funcionário e um presidiário; nas unidades militares (principalmente nas de elite), entre oficiais e praças. Essa é, certamente, uma extraordinária realização social, embora se possa esperar que a semelhança entre os atores, e que as cerimônias institucionais demonstram, possam criar alguns problemas de representação e, por isso, algumas tensões pessoais. (GOFFMAN, 2015, p.98)

A falta de autonomia dos indivíduos frequentadores de instituições escolares se assemelha muito a daqueles que estão internados nas *Instituições Totais*, sendo um deles o recurso da permissão, isso é, nenhuma movimentação pode acontecer sem a autorização daqueles que respondem pelo indivíduo, e isso pode acontecer em coisas muito básicas como uma ida ao banheiro. Para o adulto isso representa uma submissão que não é natural (GOFFMAN, 2015,

p.44), para a criança em idade escolar isso pode representar uma falha no adulto que ela vai se tornar, apresentando uma limitação na tomada de decisões simples.

O ponto é que percurso escolar, na forma como este se apresenta, acaba se mostrando de forma que, coloca os indivíduos a mercê do pensamento e vontade alheia a si, estes deixam de ser parte do processo, fazendo com que o espaço escolar se mostre um ambiente que não representa seus interesses. Se em um primeiro momento a educação se apresenta na intenção de transpor um saber para a manutenção social, resta perguntar qual o tipo de sociedade que se mantém através do percurso educacional formal. Pois ao se comparar de maneira rápida se percebe a presença de vários elementos que atravessam a escola como as *Instituições Totais*, onde se constrói aos poucos indivíduos de índole de fácil manipulação.

#### **4. MASSIFICAÇÃO E BARBÁRIE**

Adorno (1995), aponta essa relação de manipulação de massas nos aspectos que tangem o regime nazista e transpassam ambientes como o de Auschwitz, no intuito de ressaltar o papel que a educação tem ao se pensar aspectos de barbárie e construção do sujeito que a comete. Mais do que pensar em mortos decorrentes da guerra, o filósofo nos chama a refletir na frieza do comportamento humano, pois, lembrar de Auschwitz é mais do que pensar em um lugar onde presos de guerra eram levados para morrer, os campos de concentração funcionavam como uma grande empresa de extermínio, onde se tinha de forma burocrática um sistema de mortes.

O ponto que vai reger o centro do discurso de Adorno (1995, p.119) acerca de Auschwitz, se relaciona ao medo da barbárie, situando a dificuldade de eliminar esse medo, quando os aspectos que estavam em tal circunstância ainda se mostram tão presentes. Por mais que não se perceba onde estão permeados, existe ainda, os fundamentos de tal situação. É apontado a pressão social que existe e que impulsiona tais funcionamentos bárbaros. É como se a sociedade



sempre estivesse a caminhar para fortalecer aquilo que não se tem como civilizatório.

Apesar da não visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (...) a civilização, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. (ADORNO, 1995, p.119)

Pensar na barbárie de um campo de concentração como o de Auschwitz é pensar em quem são as pessoas que estão por trás da morte de milhões de pessoas que foram consideradas incompatíveis com um determinado grupo social imposto durante a Alemanha nazista. Adorno procura traçar um percurso onde o foco da análise não se detenha nas vítimas e sim naqueles que executaram o processo que tornou Auschwitz esse símbolo de descivilização. Busca-se encontrar o fio condutor que permita compreender como um grupo se apossa da vida de outro grupo de pessoas, de maneira tão organizada e sistematizada, sem questionar o que leva pessoas a cumprirem regras de forma tão cega sem colocar a dúvida a prova.

A análise e construção do percurso educacional de Adorno (1995) se desdobra a partir de estudos acerca dos processos civilizatórios e da construção do indivíduo. Conforme esses desdobramentos de civilização acontecem, busca compreender o que existe de inconsciente no indivíduo e na civilização que permite a ele um processo de regressão como o de Auschwitz. Para o filósofo, a educação e o esclarecimento das pessoas através desta podem ser a chave desse processo, tanto no que se explica sobre a barbárie quanto no percurso para evita-la.

Coloca-se com certa centralidade ao tema o indivíduo que comete a barbárie (ADORNO, 1995, p.121), o que acontece a pessoa que se permite estar envolto em um processo de tamanha falta de humanidade, o que faz ele acreditar que sua ação não acarreta consequências maiores do que a sua designação de forma objetiva à um trabalho que deve ser executado, e isso acontecendo sem o menor sinal de tomada de consciência. As ações e a falta de reflexão sobre elas se ocasionam de um percurso muito mais longo, não sendo tão objetiva a

relação causa e efeito. Aquilo que compõe o indivíduo que comete a barbárie e o impulsiona para tal ação, por muitas vezes, está escondido por camadas e mais camadas do processo que leva o homem a civilização. Algumas camadas podem se encontrar corrompidas o que permite a este ter atos e ações que não correspondem ao processo de civilização que o indivíduo se encontra, impulsionando-o à uma regressão do estado civilizatório, isto é, o inconsciente da civilização agindo sobre o indivíduo.

É preciso reconhecer tais mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinos, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles a sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência. (ADORNO, 1995, p.115)

É exposto o papel que a educação tem para evitar situações de barbárie, a importância que esta desempenha é fundamental na crítica que um indivíduo deve construir acerca de suas ações. "A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica" (ADORNO, 1995, p.121). Fica claro na exposição de Adorno, o público que ele almeja alcançar ao pensar seu processo educacional, concentrando-se na primeira infância, onde estaria, a formação do caráter do indivíduo. A educação que evita a barbárie vai se dividir em dois pontos, um se concentra na primeira infância da vida dos indivíduos e a outra em um processo de esclarecimento que tem o foco no intelectual, cultural e social.

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permitiria tal repetição; (ADORNO, 1995, p.123)

Ao se olhar de forma rápida ao fascismo germânico nota-se um excesso de confiança nas autoridades, por mais que Adorno (1995, p.123) não coloque isto como centro da regressão à barbárie, o filósofo aponta uma análise acerca

dos aspectos de orfandade de liderança que permeiam as pessoas, em uma análise simples acerca do processo de civilização e o declínio de antigos impérios, as pessoas estavam acostumadas a serem governadas, não estando preparadas para se autogovernarem.

(...) o espírito germânico de confiança na autoridade foi responsabilizado pelo nazismo e também por Auschwitz. Considero esta afirmação excessivamente superficial, embora na Alemanha, como em muitos outros países europeus, comportamentos autoritários e autoridades cegas perdurem com mais tenacidade sob os pressupostos da democracia formal do que se queira reconhecer. Antes, é de se supor que o fascismo e o horror que produziu, se relacionam com o fato de que as antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente. É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e – por assim dizer – de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelaram. Quando lembramos que visitantes de quaisquer potentados, já politicamente desprovidos de qualquer função real, levam populações inteiras a explosões de êxtase, então se justifica a suspeita de que o potencial autoritário permanece muito mais forte do que o imaginado. (ADORNO, 1995, p.123)

Aqui existe um entrelace interessante entre a perspectiva kantiana de esclarecimento e a falta de autonomia do indivíduo em pensar por si próprio, nos conceitos construídos por Kant no texto *Que é Esclarecimento?*, a educação deve sempre impulsionar o indivíduo a pensar por si mesmo, sem a necessidade de recorrer a mestres e mentores, ser ele produtor do seu pensar e conhecer. O ponto é, que o processo para se tornar esclarecido, não é uma jornada cômoda, isso é porque, o indivíduo não esclarecido se encontra em uma relação cômoda com seus mentores, existe uma praticidade no recorrer ao outro para satisfazer suas necessidades intelectuais. Em Kant, o indivíduo esclarecido não se permitiria enganar ou ser manipulado por outros. A relação de orfandade apontada por Adorno (1995), nada mais seria que o cômodo processo que leva os indivíduos a tornarem-se pessoas menos esclarecidas, onde se usa de outros como muleta para sua falta de autonomia no pensar. Para Kant o conceito de esclarecimento seria:

(...) *a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. Sapere aude! Ousa fazer uso de seu próprio entendimento! Eis o lema do esclarecimento.* (KANT, 2009, p. 407)

Talvez, como solução para o problema, se venha a ideia de vínculos, ou de tratados que viessem a colocar a pessoa em uma relação de compromisso contra a barbárie ou situações descivilizatória. O ponto é que vínculos de compromisso nem sempre atingem o objetivo desejado. Acabam por colocar o indivíduo em uma relação de cumplicidade ao combinado, de forma cega e sem reflexão, distanciando a ideia original que moveu a necessidade do combinado, já que o indivíduo, submetido ao combinado, passa a segui-lo de forma cega e muito literal, perdendo a relação do que ele representa. A relação que as pessoas constroem com os vínculos nem sempre são verdadeiras, por vezes estes se tornam “passaporte moral”, sendo meio de detectar indivíduos nos quais se pode confiar, ou cumprem um papel contrário ao original de sua implantação, fazendo as pessoas agirem de maneira raivosa àqueles que não se encontram em relação com o vínculo de compromisso. O ponto é, que vínculos de compromisso, não tornam pessoas autônomas de suas ações, colocando-as, mais uma vez, debaixo de um regimento, não gerando reflexão crítica acerca de suas ações, tornando os indivíduos dependentes de regras e normas (ADORNO, 1995, p.124).

O indivíduo que caracteriza o bárbaro de Auschwitz se representa principalmente pela falta de autonomia; ele está imerso no coletivo e de forma cega se conduz através do pensar coletivo. “Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados” (ADORNO, 1995, p.129). O coletivo não permite ao indivíduo ser algo externo ao grupo, ele engloba tudo que o a pessoa pode ser, o que culmina em ser e tratar, outras pessoas, como uma “grande massa amorfa”. Assim se constrói e caracteriza o caráter manipulador, uma condição do indivíduo que está imerso nesse processo do manipular e ser manipulado. Levando pessoas a se colocarem apenas em

relações organizativas sem que se relacionem com o aspecto emocional. O mundo torna-se o que determina o coletivo ao qual o indivíduo faz parte, fazendo-se difícil reflexionar acerca de aspectos externos ao meio ao qual se compartilha dentro deste círculo restrito. (ADORNO, 1995, p.129).

O caráter manipulador (...) se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado. (...) Nem por um minuto se imagina o mundo diferente do que ele é (...). (ADORNO, 1995, p.129)

As consequências do caráter manipulador, acabam por implicar no que Adorno (1995, p.130) vai chamar de consciência coisificada, processo no qual as pessoas são descaracterizadas para serem conduzidas pelo caráter manipulador, isso é, “as pessoas desse tipo se tornam, por assim dizer, iguais a coisas”. Aqueles que foram transformados em coisa, acabam adotando a característica do caráter manipulador e em algum momento passam a manipular outros indivíduos que detêm a mesma característica.

Isso se remete a mortificação do eu de Goffman (2015), onde o indivíduo perde sua individualidade para fazer parte do coletivo da instituição. Em processos massificadores como aquele que atinge os que permitiram Auschwitz, se encontra muitas semelhanças a essa degradação do indivíduo, mas o que mais impressiona é a condução desse aspecto na formulação fascista, a equipe dirigente, isso é, aqueles que permitem a barbárie, também são indivíduos descaracterizados de suas personalidades.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A falta de esclarecimento dos indivíduos é o que vem permitir Auschwitz, é isso que estaria no centro da permissividade que existe em coisificar pessoas. Mas seria a educação ponto de partida e guinada na direção contrária deste processo, para Adorno (1995, p.138) só o esclarecimento e a educação seriam capazes de evitar a barbárie. Mas e se fosse o próprio sistema educacional responsável por processos de alienação que permitiriam ao indivíduo se

relacionar com aspectos que se assemelham ao caráter manipulador e a ideia de coisificação?

A escola, como apontada por Dewey (1959), deveria cumprir o papel de reflexionar realidades de comunidades distintas, promovendo um intercâmbio de interesses. Mas o fato é que a escola possui interesses próprios externos a ela, servindo de funil para tudo o que chega de diferente, o papel da escola é homogeneizar para a sociedade. Quando ela formaliza os saberes da construção humana a partir do que se pensa ser importante, ela está formando indivíduos com aquilo que ela acredita ser importante por algum grupo social externo a ela. A escola assim como nos imaturos de Dewey, se encontram em moldar a interesses externos. Está a serviço de interesses que se constroem externos a ela, sendo assim, a escola ferramenta na construção de uma sociedade de massa, já que ela pega grupos de interesses distintos e os homogeneiza.

Se a forma como se constrói a educação é o centro do que permite um indivíduo ser manipulado, chegamos ao ponto em que reflexionar a forma como a educação formal trabalha com os indivíduos que adentram na instituição escolar se assemelha ao processo de coisificação de Adorno, uma vez que a instituição escolar se preocupa com a passagem do conhecimento construído pela civilização, e não com a reflexão do saber. A consciência coisificada é uma característica que pode ser encontrada nos mais diversos grupos sociais, do rural as cidades, onde cotidianamente se revelam pequenos grupos que repetem o processo de gerar pertencimento a partir de uma amostra de realidade deturpada, gerando assim, em pequenas proporções, algo parecido com a conduta daqueles que executavam funções em Auschwitz. Nisso se atrela o caráter manipulador, onde se encontram presentes a “fúria organizativa, incapacidade de levar a cabo experiências humanas de maneira direta, ausência das emoções gerada por um realismo exagerado”, todas essas características que compõe o caráter manipulador criam um indivíduo incapaz de questionar a realidade apresentada, se vendo condicionados pela situação em que se encontram, executando de maneira cega qualquer ordem de manutenção a realidade em que conhece.

O ponto que construímos através da análise dos autores que aqui se expôs é a ideia de uma educação que se formula em padrões não reflexivos.

Aponta-se que toda comunidade parte de interesses em comum (DEWEY, 1959). E tem por objetivo a manutenção destes, quanto mais desenvolvido o grupo social mais institucionalizado se torna a necessidade de se passar o conhecimento para os mais novos. Esta é a necessidade da manutenção da sociedade, que se faz em vias formalizadas. O ponto é, que, a forma como institucionalizamos os nossos meios educacionais, colocam os indivíduos a mercê da vontade de outros, tornando-os necessitados da imagem da autoridade para conduzir seu pensamento. Se nas *Instituições Totais* de Goffman (2015) ocorre a descaracterização do eu através de um processo de mortificação, a forma como a escola se constrói não permite que o indivíduo se reconheça com características além daquelas formulados pelo espaço educacional, colocando o indivíduo em um processo de reificação como apontado por Adorno (1995). A longo prazo isso culmina em processo de descaracterização do indivíduo tornando-o parte de interesses externos, sem reflexionar suas ações. Adorno expõe o perigo desse processo colocando-o na ponta contrária à da civilização, apontando como um processo descivilizatório.

O fato interessante do pensamento de Adorno e Dewey está exatamente na forma como esses pensam o conceito de civilização e descivilização. A institucionalização em Dewey nos diferencia de sociedades tribais, enquanto o ato de institucionalizar a morte em Auschwitz nos coloca em atraso no processo civilizatório para Adorno. Auschwitz deve representar um lugar onde o processo civilizatório não deve chegar, já que o simples fato de existir Auschwitz significa que permitimos um processo de regressão da civilização. Adorno nos propõe utilizar o processo de fascismo nazista para repensar a nossa educação e intervir em processos de barbárie.

As relações que se constroem nas escolas, como já exposto, concentram a relação de passividade como condutora do percurso que o indivíduo em idade escolar deve passar. É difícil para um indivíduo que sai do sistema educacional conseguir reflexionar suas vontades sem o crivo daquele que manda; a questão é, que, de certa forma as escolas constroem indivíduos com pouca capacidade reflexionar suas vidas, eles estão sempre de acordo com a ordem de alguém superior, os indivíduos que deixam o sistema escolar ou *Instituições Totais*, encontram as mesmas dificuldades. São ambientes que criam indivíduos que



não estão aptos ao mundo, pessoas que pela descaracterização que sofrem nesses ambientes se tornam órfãs do comando, possuem dificuldades em estabelecer e reflexionar suas vidas por si mesmas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor. W. Educação Após Auschwitz. In: ADORNO. Theodor. W. **Educação e Emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. 7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 155-169.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução: Godofredo Rangel; Anísio Teixeira, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. – (Debates; 91/ Dirigida por J.Guinsburg).

KANT, Immanuel. Resposta a Questão – o que é esclarecimento?. In. MARÇAL, Jairo (Org) **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED- Pr., 2009.